

ISSN 0101- 3335

LETRAS DE HOJE

Nº 127

MARÇO DE 2002



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Curso de Pós-Graduação em Letras



LETRAS DE HOJE

REVISTA TRIMESTRAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS - PUCRS

Chanceler
Dom Dadeus Grings
Reitor
Professor Irmão Norberto Francisco Rauch
Vice-Reitor
Professor Irmão Joaquim Clotet
Pró-Reitor de Administração
Professor Antonio Mario Pascual Bianchi
Pró-Reitora de Ensino de Graduação
Professora Solange Medina Ketzner
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
Professor Monsenhor Urbano Zilles
Pró-Reitor de Extensão Universitária
Professor Paulo Roberto Girardello Franco
Pró-Reitora de Assuntos Comunitários
Professora Helena Wilhelm de Oliveira
Diretor da Revista
Prof. Ir. Elvo Clemente
**Conselho Editorial
para Assuntos Lingüísticos**
José Marcelino Poersch, Leonor Soliar Cabral,
Lecl Borges Barbisan, Regina Ritter Lamprecht,
Lêda T. Martins, Carmem Lúcia M. Hernandezena
**Conselho Editorial
para Assuntos Literários**
Gilberto Mendonça Telles, Patricia Dominguez de
Rodriguez Pasquês, Regina Zilberman,
Monsenhor Urbano Zilles, Maria Eunice Moreira,
Carlos Alexandre Baumgarten

Pedidos de assinaturas e permutas devem ser encaminhados para EDIPUCRS. Preços para 2002:

Assinatura anual:
Brasil _ _ _ _ _ R\$38,00
Exterior _ _ _ _ _ US\$34,00
Número avulso _ _ _ _ _ R\$12,00

Formas de pagamento:

Cheque nominal à
EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 - Porto Alegre - RS - BR
E-mail: edipucrs@pucrs.br
www.pucrs.br/edipucrs/

Os artigos para publicação devem ser encaminhados para:

Revista Letras de Hoje
Pós-Graduação em Letras - PUCRS
A/c Prof. Elvo Clemente
Caixa Postal 1429
90619-900 - Porto Alegre - RS
A Revista aceita permutas
On demande l'échange
We ask exchange

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

Composição:
SULIANI

Impressão:
EPECÊ

L649 LETRAS DE HOJE/Curso de Pós-Graduação em Letras
PUCRS, -n.1 (out. 1967)-, - Porto
Alegre: EDIPUCRS, 1967 -
v.: 22cm
Trimestral
ISSN 0101-3335
1. Lingüística - Periódicos. 2. Literatura - Periódicos
I. PUCRS. Curso de Pós-Graduação em Letras.
CDD 405
805
CDU 8(05)

Publicação indexada em CLASE (Citas Latinoamericanas en Ciencias Sociales y Humanidades)

Índice para Catálogo Sistemático
Lingüística: Periódicos 80(05)
Literatura: Periódicos 82/89 (05)
Periódicos: Lingüística (05)80
Periódicos: Literatura (05) 82/89

Letras de Hoje

TÓPICOS DE FONOLOGIA

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUCRS

Sumário

Apresentação <i>Leda Bisol</i>	5
A elevação das vogais pretônicas no português do Brasil: processo(s) de variação estável <i>Dinah Callou, Yonne Leite e João Moraes</i>	9
Variação do "r" pós-consonantal no português brasileiro: um caso de mudança fonotática ativada por cisão primária <i>Marco Antônio de Oliveira e Thaís Cristófar-Silva</i>	25
A lateral posvocálica na fronteira dos Campos Neutrais: estudo sociolingüístico da regra telescópica nos dialetos de Chuí e Santa Vitória do Palmar <i>Jorge Espiga</i>	49
A metafonia nominal (português do Brasil) <i>Ana Ruth Moresco Miranda</i>	69
A formação dos compostos no português <i>Cláudio Moreno</i>	99
Atribuição de acento em latim clássico: em defesa do troqueu irregular <i>Laura Rosane Quednau</i>	131
Acento secundário do PB <i>Seung-Hwa Lee</i>	149
Fonologia lexical e pós-lexical e TO <i>Gisela Collischonn</i>	163

O prefixo e a silabificação em PB: um exercício em LPM-OT <i>Luiz Carlos Schwandt</i>	189
Teoria fonológica e variação: a fricativa coronal /s/ <i>Dermeval da Hora</i>	199
Resenha <i>Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro</i> <i>Maria Helena Moura Mateus</i>	221

Tópicos de Fonologia

Os artigos apresentados nesta revista constituem uma amostra pequena mas expressiva da fonologia do português brasileiro. Eles nos dão um exemplo do que se vem fazendo no País na linha de fonologias não-lineares que vão da autosegmental à teoria da otimidade e na área da variação com incursões pela fonética.

Leite, Moraes e Callou apresentam um estudo sobre a harmonia vocálica no tempo aparente e no tempo real, com base em dados do dialeto carioca. Resgatam as contribuições de estudos precedentes que a descreveram em outros dialetos e chegam à conclusão de que a harmonia vocálica, diante de sua estabilidade através dos tempos, é, de fato, uma das características do português brasileiro.

Oliveira e Cristóforo-Silva discutem a variação da vibrante quando precedida de um glide derivado da lateral, entendida como implementação lexical. Enquanto a vibrante é invariavelmente um tepe quando precedida de $w < u$, (europeu), manifesta-se ora como tepe ora como vibrante forte quando precedida de $w < l$ (guelra, uma das palavras em que o processo de implementação está em andamento). Distinguem os dois casos de glide posterior por sua posição estrutural: o primeiro faz parte do núcleo da sílaba e o segundo, da coda. É esse o contexto propiciador da variação discutida que se mostra sensível ao conhecimento lexical dos indivíduos.

O estudo da lateral pós-vocálica, em dialetos fronteiriços, permite a Espiga postular que, além dos três alofones que delineiam o trajeto histórico dessa consoante ($l > \dagger > w$), atestados em várias descrições do português brasileiro, existe outro alofone, a lateral vocalizada, uma consoante complexa que se interpõe entre a lateral velar e o glide posterior. A presença de todas as facetas desta trajetória está documentada nos dados que descreve.

Miranda detém-se na metafonía nominal, um processo de harmonia vocálica que defende ser uma regra lexical do nível 2, pensando-a em termos de Fonologia Lexical. Essa regra atua sobre vocábulos que, delineando um troqueu silábico, terminam em /o/, a vogal propulsora do processo.

Moreno desenvolve uma discussão em torno dos diferentes tipos de compostos, defendendo a idéia de que todo composto é formado na sintaxe e que desenvolve, no seu percurso histórico, ainda visível na sincronia, um caminho de ascendência que vai do pós-léxico ao léxico.

Quednau afilia-se à idéia de Jacobs de que a melhor descrição do acento do latim clássico é a que se fundamenta no troqueu irregular. A essa tese oferece o argumento de que, na passagem do latim clássico para o vulgar, que a autora defende caracterizar-se pelo troqueu silábico, a mudança atende ao princípio da simplicidade: abandona-se o pé que faz diferentes escansões para substituí-lo pelo pé de escansão única: o troqueu que não considera o peso silábico.

Afirmando Lee que a distinção entre acento morfológico e acento fonológico é perceptível no domínio do acento secundário, volta-se, neste artigo, para o acento fonológico proposto em termos de troqueu silábico, analisado à luz de restrições hierarquizadas.

Collischonn faz uma reflexão sobre alguns pontos da teoria fonológica, chamando atenção para conquistas e problemas da Fonologia Lexical e da Teoria da Otimidade. Com dados do português e análises parciais, discute a opacidade e a uniformidade de restrições hierarquizadas na descrição de processos distintos. Conclui, afiliando-se à proposta de Kiparsky (LPM-OT), que é necessário preservar a distinção entre fonologia lexical e pós-lexical.

Problemas relacionados à opacidade de certas regras vem alimentando a polêmica de incluir-se (ou não) algum serialismo à Teoria da Otimidade, assunto também do texto precedente. A breve reflexão de Schwindt oferece, com base nos prefixos iN/eN, um exemplo de uma análise em que se faz imprescindível considerar inputs derivados.

Por fim Hora, em seu artigo, dá sua contribuição para um problema que vem sendo amplamente discutido entre os lingüistas: Como a Teoria da Otimidade explica a variação? Ao tratar das variantes de /S/ pós-vocálico, valendo-se de restrições universais hierarquizadas, defende a idéia de que a proposta de restrições flutuantes em dada área é mais apropriada para descrever a variação intrafalante do que a proposta de múltiplas gramáticas.

Parece que os estudos de fonologia que se desenvolvem no Brasil vêm produzindo trabalhos cada vez mais consistentes em termos de conceitos, postulados, representação e discussão. Neste sentido, este número de Letras de Hoje é uma contribuição modesta mas importante. Sobre o que aqui se expõe muitas questões, algumas até sob a perspectiva diacrônica podem ser levantadas, motivando outras pesquisas ou refinamentos que busquem a melhor adequação dos dados à teoria. Indubitavelmente o exposto nesta revista é significativo para a descrição do português brasileiro.

LEDA BISOL

A elevação das vogais pertônicas no português do Brasil: processo(s) de variação estável

Dinah Callou (UFRJ/CNPq)

Yonne Leite (CNPq/UFRJ)

João Moraes (UFRJ/CNPq)



ABSTRACT – This paper presents a labovian apparent and real time analysis of Rio de Janeiro vowel harmony process. It shows that, despite the low percentage of application, it is not a case of rule loss but rather a variable one, with evidence of age group differentiation. It also pleads for the need both of keeping apart phonological and acoustic assimilation processes, and of production/perception experimental analysis, in order to determine the cues for the distinction between / u / and / o /, for solving the puzzle of the asymmetric behavior of / i / and / u / as triggers of the unstressed middle vowel raising process.

RESUMO – Neste artigo, apresenta-se a análise, em tempo aparente e em tempo real, da harmonização vocálica no Rio de Janeiro, realizada segundo o modelo laboviano. Demonstra-se que não se trata, apesar do baixo percentual de aplicação, de um caso de perda de regra, mas de uma variação estável, indicativa de faixa etária. Salienta-se a necessidade de diferenciar regras de assimilação fonológica e de assimilação acústica, assim como de pesquisa experimental de produção e percepção, para verificar que traço opõe os fonemas / u / e / o /, para uma melhor compreensão do comportamento assimétrico de / i / e / u / como propulsores do processo de elevação das vogais médias pretônicas.

1 Introdução

Nos estudos sobre o português, o vocalismo átono tem sido considerado um fator de diferenciação não só entre os falares brasileiros, mas também entre o português do Brasil e o de Portugal. Para o Brasil, processos como a neutralização de vogais – que reduz o quadro de sete vogais tônicas para cinco pretônicas – estabelece, para Antenor Nascentes (1922/1953) e Mattoso Câmara (1953), a linha divisória entre os falares do Norte, que optam pela realização aberta das vogais médias, e os falares do Sul, que as realizam como fechadas, com exceção das palavras derivadas com os sufixos *-inho/-zinho*, *-íssimo/a*, *-mente*, que mantêm, em posição pretônica, a vogal aberta de sua base, como, por exemplo, *hist[ɔ]ria / hist[ɔ]rinha*, *b[e]la / b[e]lamente / b[e]líssimo*, *s[ɔ] / s[ɔ]zinho*, *p[e]l / p[e]lzinho*.

No português europeu, torna-se necessário diferenciar a vogal pretônica da pré-pretônica, distinção essa não necessária para o português brasileiro. Segundo Delgado-Martins (1988), em posição pré-pretônica, o quadro de oito vogais tônicas se reduz a seis (Quadro 1).

	i		u
		ɔ	
			o
		e	
		a	

Quadro 1. Vogais pretônicas do PP, segundo Delgado-Martins (1988, p. 131).

Para Teyssier (1997), há oito pretônicas, embora (o) seja resultado da monotongação de ditongo /ow/ (Quadro 2).

	i		u
		ɔ	
			(o)
		e	
	ɛ		ɔ
		a	

Quadro 2. Vogais pretônicas do PP, segundo Teyssier.

Um outro fator de distinção, no âmbito do vocalismo átono, entre o português do Brasil e o de Portugal se deve à regra de harmonização vocálica que, tradicionalmente, tem sido definida como a elevação das vogais médias pretônicas, em decorrência da presença de uma vogal alta em sílaba tônica, acarretando, no português do Brasil, a possibilidade de variação entre a forma com a vogal harmonizada (*b[ɪ]bida*, *c[u]ruja*), e a não harmonizada (*b[e]bida*, *c[o]ruja*). Hoje em dia, o processo de *harmonização vocálica* engloba também as modificações do timbre da vogal pretônica cujo contexto de aplicação não é a vogal subsequente, mas as consoantes circunvizinhas, em vocábulos como *m[o]leque/m[u]leque*, *m[e]lhor/m[i]lhor*, *c[o]légio/c[u]légio*.

Em alguns dialetos do português do Brasil, a regra de harmonização vocálica perde a restrição de limitar o seu contexto de aplicação às vogais altas, estendendo-se também às vogais baixas, criando pronúncias variáveis do tipo *P[e]lé/P[e]lé*, *b[ɔ]lota/b[o]lota*, *p[e]teca/p[e]teca*. Recria-se, assim, no mesmo dialeto, um quadro fonético de sete vogais em posição pretônica. Para o português europeu, não há essa extensão da regra em contexto de vogal baixa, e sim um alteamento marcante que quase não admite variação.

Segundo Révah (1958), o alteamento da vogal é um processo muito antigo, já praticamente terminado no século XV. Carvalho (1969), entretanto, aponta a existência de realizações alternantes das vogais altas e médias até o final do século XVIII. A variação existente no Brasil seria então uma pronúncia conservadora, e não uma restauração como defende Révah.

Neste trabalho, apresentamos a análise do processo de elevação das vogais pretônicas, no Rio de Janeiro, em tempo aparente e em tempo real, análises essas que apontam para um processo de variação cindida, estável na comunidade, com indicadores da faixa etária do falante.

2 Revisitando a questão

A harmonização vocálica tem sido objeto de análise sob diversas perspectivas teóricas. Três questões têm merecido a atenção dos estudiosos: o domínio de aplicação da regra de harmonização, a natureza dos traços que participam do processo e o fato de o processo poder envolver segmentos não adjacentes (van Hulst e van der Weijer, 1985). Em português, como demonstra Bisol (1989), o domínio da regra de harmonização são as sílabas CV pretônicas, sendo um processo de assimilação ordenado no ciclo derivacional,

que se efetiva pelo espraiamento de um único traço de um nó terminal, conforme se pode ver na Figura 1.

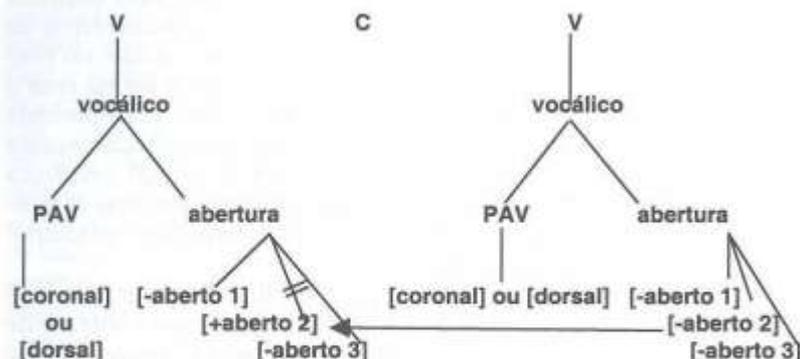


Figura 1. Assimilação por espraiamento de um nó terminal condicionado por núcleo com vogal alta.

Os estudos sobre harmonização vocálica feitos segundo a metodologia da sociolinguística quantitativa laboviana abrangem quatro dialetos regionais brasileiros: Rio Grande do Sul (Bisol 1981, 1989), Rio de Janeiro (Callou et al., 1991, 1995, 1998; Yacovenco 1993), Bahia (Silva, 1989) e Minas Gerais (Castro, 1990; Viegas, 1987), e todos eles evidenciam uma baixa produtividade da regra (em torno de, 30) e também uma assimetria de comportamento das vogais tônicas /i/ e /u/ como propulsoras do processo de harmonização. O trabalho de Viegas (1987) assume a posição de que o processo não seria de natureza neogramática e sim de difusão lexical, isto é, a regra não atingiria cegamente todos os vocábulos, mas sim alguns itens lexicais. Apresenta, como argumento, oposições do tipo *p[o]rção* e *p[u]rção*, que corresponderiam a duas entradas no léxico, com sentidos diversos: a entrada com /o/ corresponderia a “parte de um todo” e com /u/ “grande quantidade”.

Em Porto Alegre, o peso relativo da vogal /i/ para o alçamento das vogais médias pretônicas /e/ ou /o/ é maior que o peso relativo da posterior fechada /u/: ,78 para /i/ versus ,31 para /u/. No entanto, o peso relativo da vogal /u/ como fator desencadeador do processo aumenta para, 65 se o alvo for a vogal pretônica /o/.

Em todas as análises, as consoantes adjacentes são também condicionadoras do processo de elevação. A lateral palatal tem o

efeito de altear tanto a vogal /e/ quanto a vogal /o/: ,64 / ,65. No entanto, as consoantes labiais provocam o alçamento apenas de /o/: ,65 (Bisol, 1989, p. 187). Na área metropolitana do Rio Grande do Sul, as consoantes adjacentes não são o fator mais significativo para o alçamento das pretônicas, mas sim a vogal alta na sílaba subsequente. No Rio de Janeiro, os mesmos fatores estruturais estão presentes e o peso relativo de /u/ como desencadeador do processo é menor que o de /i/, porém, diferentemente, a vogal alta da sílaba subsequente, quer tônica, quer átona, só é fator preponderante para o alteamento da vogal média anterior /e/. O grupo de fatores mais significativo para o alteamento de /o/ é o da natureza da consoante adjacente: em contexto labial ou velar, a variante alta predomina. A questão está, assim, em determinar se a elevação da vogal pretônica corresponde a um único processo, sob o rótulo de harmonização vocálica, ou a dois tipos de processo: um de natureza fonológica, a tradicional harmonização vocálica – espraiamento do nó terminal [-aberto 2] de uma vogal alta para o núcleo vocálico antecedente, desde que seja uma vogal média (cf. Figura 1) –; e outro, de natureza fonética, determinado pela configuração acústica dos segmentos consonantais adjacentes.

Outra pergunta que se pode fazer diz respeito às razões por que um processo já concluído no português europeu não se implementou em tal extensão no português do Brasil.

3 Análise variacionista da fala culta carioca

3.1 Década de 70

Foram analisadas 4.310 ocorrências das vogais /e/ e /o/ do corpus do Projeto NURC/RJ, gravados na década de 70, na perspectiva da sociolinguística quantitativa laboviana. Evidenciou-se um índice baixo de aplicação da regra, ,31, tanto para a anterior quanto para a posterior.¹ Esse índice geral diminui ainda mais se forem eliminadas as ocorrências quase categóricas das seqüências *es-* e *des-* e na primeira vogal de hiatos, como em *especial*, *desfile* e *doença*, *recheado*, confirmando que o processo é sensível ao padrão silábico, como se pode ver na Tabela 1.

¹ Ressalte-se que a baixa produtividade da regra não se limita à fala de indivíduos com formação universitária completa. Em falantes de baixa escolaridade, pescadores, por exemplo, o quadro é semelhante (Silva, 1994).

Padrão silábico	e → i			o → u		
	CV	CCV	CVC	VC	V	
CV	197/1280	15%	,45	254/1.299	20%	,50
CCV	22/94	23%	,58	70/202	35%	,68
CVC	27/142	19%	,52	6/102	6%	,20
VC	67/95	73%	,92	0/65	0%	----
V	8/73	11%	,36	0/13	0%	----

Tabela 1. Aplicação geral da regra, no que se refere ao padrão silábico²

Fica nítido, assim, o comportamento diferenciado das duas vogais, nos padrões CVC, VC e V. No ambiente VC, a elevação de e → i é quase categórica, principalmente, quando essa consoante é S - [i]strela, [i]spaço - enquanto a elevação de o → u é inibida no mesmo contexto, independente do tipo da consoante - [o]spital, [o]rdenar.

Se considerarmos em separado as duas vogais, pode-se observar que o fator que se mostrou mais atuante foi a presença de vogal alta /i/ ou /u/, .76 ou .71, respectivamente, na sílaba subsequente. Para a vogal posterior, por outro lado, a presença de uma vogal alta /i/ é muito mais relevante do que /u/: .73 versus .44. Assim, é mais provável que se eleve a vogal pretônica média de perigo e seguro e a posterior de possível que a vogal posterior de coluna.

Para a posterior, não é a vogal alta da sílaba subsequente que se mostra o fator mais atuante. O ponto de articulação do segmento adjacente, labial ou velar, é o maior propulsor do processo: peso relativo .81 para as velares, e .78, para as labiais. Nesse caso, é mais provável que se elevem as vogais posteriores de moleque, bolacha e colégio que as de solução, prodígio e sorriso, a elevação podendo ser explicada pelo ajustamento à consoante com que a vogal está em contato.

A distribuição dos resultados por faixas etárias mostrou, em tempo aparente, que a elevação é mais freqüente nos falantes mais velhos, diminuindo gradativamente nas gerações mais jovens. Tem-se, em relação à variável idade, indício de perda de produtividade da regra de harmonização vocálica.

3.2 Mudança em tempo real

A proposta de Labov (1994) para a questão da mudança linguística baseia-se na concepção de que a interpretação de dados em tempo aparente, isto é, através da distribuição por faixas etárias, deve ser complementada por observações feitas em tempo real, isto é, na observação e confronto de determinados usos em dois ou mais períodos discretos de tempo. A combinação de observações em tempo aparente e em tempo real constitui o método fundamental de análise da mudança em curso.

Devem-se distinguir também duas abordagens básicas na obtenção de dados em tempo real de curta duração: 1) o recontato (RE) dos mesmos falantes em período posterior de tempo (estudo em painel) ou 2) a constituição de uma nova amostra (NA) representativa (estudo de tendências). O estudo em painel permite identificar, pelo comportamento estável ou instável do mesmo indivíduo, em dois momentos distintos, se estamos diante de uma mudança geracional ou de uma gradação etária. Porém esse estudo, per se, não distingue gradação etária de mudança comunitária ou estabilidade de mudança geracional, uma vez que só se tem uma visão da comunidade através do comportamento dos mesmos indivíduos. Deve, portanto, ser complementado pelo estudo de tendências, através do confronto de duas amostras, também em dois períodos discretos de tempo, com indivíduos distintos.

No caso em pauta, foram utilizadas três amostras, uma gravada na década de 70 e duas na década de 90, tanto para um estudo de painel, em que se confrontam os mesmos informantes, quanto para o de tendências. Os dados, estratificados por idade e gênero, somam um total de 3.200 ocorrências, 1.600 para cada vogal e cerca de 500 em cada uma das três amostras. Se compararmos todos os dados, com base apenas na estrutura silábica CV, o padrão mais recorrente em língua portuguesa, pode-se observar o nívelamento da assimetria de /i/ e /u/ na comunidade, conforme se viu na Tabela 1, confirmada na Tabela 2. Descartaram-se os outros padrões, já que alguns deles mostram comportamentos quase categóricos, como ressaltamos anteriormente.

alteamento	Década 70	90 (nova amostra)
[e] → [i]	17% / ,17	13% / ,14
[o] → [u]	23% / ,23	18% / ,19

Tabela 2. Alteamento da vogal em sílaba CV.

² Exemplos dos padrões silábicos encontrados: CV perigo, coruja; CCV precaução, crocante; CVC permitir, cortina; VC escola, ostentar; V ecologia, oratório.

Observe-se também que há uma discreta diminuição, em tempo real de curta duração, do peso relativo de aplicação da regra.

A distribuição por faixa etária nas amostras de 70 e 90/RE permite inferir um mesmo comportamento dos indivíduos – tanto para o [e] quanto para o [o] – nas duas primeiras faixas etárias (FX1 → FX2 e FX2 → FX3).

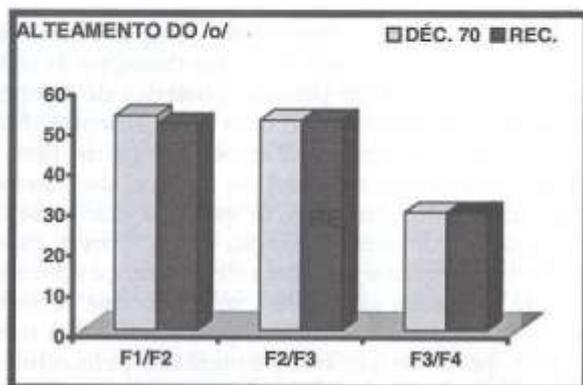


Figura 2. Comportamento individual.

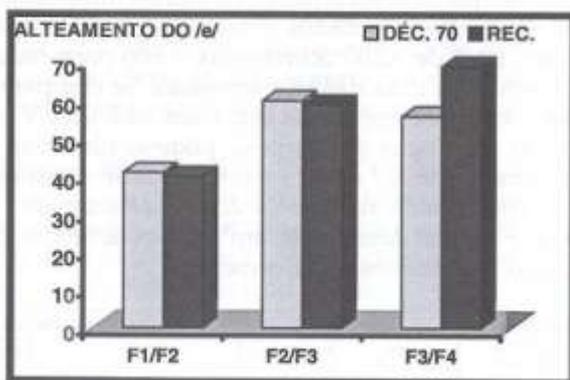


Figura 3. Comportamento individual.

No que tange à geração mais velha, observa-se um *padrão cindido*, em relação às duas vogais: no alteamento de *o*, há uma clara estabilidade individual, em todas as faixas etárias (Figura 2), mas, no alteamento de *e* (Figura 3), ao confrontar os mesmos indivíduos em 70 e 90, verifica-se que os mais jovens, ao mudarem de faixa, da primeira para a segunda e da segunda para a terceira, levam o seu comportamento para a faixa subsequente, ao contrário dos idosos que, ao passarem da terceira para a quarta faixa, elevam o percentual de aplicação da regra de elevação de /e/ para [i].

Comparando comunidades distintas (Figuras 4 e 5), nas duas décadas, a curva é de variação estável, embora haja uma imagem especular, mais nítida, na faixa etária intermediária, com uma diminuição do peso relativo de aplicação da regra, para *e*. Para *o*, parece ter havido um ligeiro aumento do percentual de uso na segunda e terceira faixas etárias. Os dados apontam para uma comunidade estável, uma vez que não é significativa a diferença no *input* geral nos dois períodos (cf. Tabela 2).

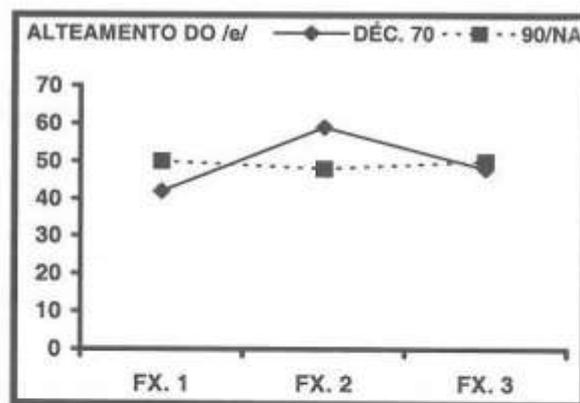


Figura 4. Distribuição por faixa etária: e → i

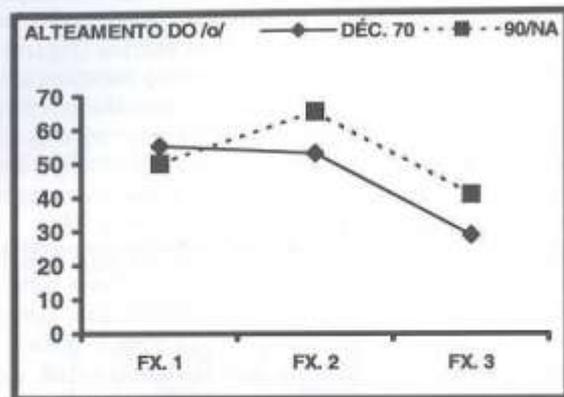


Figura 5. Distribuição por faixa etária: o → u

O estudo em tempo real e em tempo aparente revela que a elevação das vogais pretônicas enquadra-se no padrão 1 (estabilidade) proposto por Labov (1994, p. 83), uma vez que os comportamentos da comunidade e do indivíduo são estáveis (Quadro 3).

Padrão	Indivíduo	Comunidade
1. Estabilidade	Estável	estável
2. Gradação etária	Instável	estável
3. Mudança geracional	Estável	Instável
4. Mudança comunitária	Instável	Instável

Quadro 3. Padrões de mudança no indivíduo e na comunidade.

Ressalte-se, porém, que, em relação ao indivíduo, os falantes mais idosos, no caso do /e/, passam a altear mais a vogal (cf. Figura 3). Em relação à comunidade, o confronto das curvas em tempo aparente em 70 e 90 (cf. Figura 5) mostra que os falantes da terceira faixa etária (FX.3) alteiam mais o /o/ em 90. Isso pode ser um indicativo de o alçamento, no Rio de Janeiro, ser uma marca geracional, o que explicaria a estabilidade da regra através dos tempos.

4 A contribuição das análises acústicas

Um outro aspecto a ser considerado é o que diz respeito à menor força assimilatória do /u/ em relação à do /i/. Esse comportamento assimétrico, segundo Bisol (1989, p. 186), é de base fonética, uma vez que, “[...] na cavidade oral, o espaço envolvido na articulação das vogais anteriores é maior que o das vogais posteriores. Assim, uma vogal posterior alta é [foneticamente] menos alta que a anterior correspondente”, exercendo uma menor força de atração sobre o /e/, pois elevá-lo acarretaria a produção de uma vogal mais alta que o próprio /u/.

Estudos experimentais sobre os sistemas vocálicos do português do Brasil (Moraes et al., 1996, p. 34-36), contudo, mostram, com base em *corpus* espontâneo, que [i] e [u] apresentam praticamente os mesmos valores para o primeiro formante (F1) – parâmetro acústico que reflete o grau de abertura. A vogal [i] apresenta uma média de F1 de 353Hz e [u] de 358Hz, uma diferença não significativa.³

Quanto à questão da menor força assimilatória do /u/, contida na argumentação de Bisol, é importante assinalar que, nos dados do Rio de Janeiro, a elevação do /e/ é condicionada igualmente pelo /i/ (*p[il]rigo*) e pelo /u/ (*s[il]guro*). – ,76 e ,71, respectivamente. O mesmo não se aplica à elevação o /o/, o /i/ tendo mais força assimilatória (.73) do que o /u/ (.44): é mais provável termos a elevação em *s[u]vina* do que em *c[u]luna*, forma em que se anula até mesmo a força de elevação da consoante velar.

A explicação acústica de Bisol (*idem*, p. 189) para a elevação de /o/ em ambiente de consoantes labiais sugere que temos regras diferenciadas quando se tem como condicionador uma vogal ou uma consoante. Como as consoantes labiais se caracterizam acusticamente por abaixar o valor de F2 da vogal contígua, a exercerem as labiais uma influência sobre o /o/, esperar-se-ia que a vogal resultante fosse mais posterior e, portanto, mais próxima do /u/, uma vez que valores mais baixos de F2 se correlacionam à dimensão posterioridade. Segundo a autora, esse parece ser o caso, o que leva a concluir que a proximidade dos valores de F2 entre a posterior alta e a consoante labial condiciona a elevação do /o/. Essa explicação não é traduzível em termos dos traços fonológicos

³ Para essa análise acústica foram utilizados 15 inquéritos relativos às cidades brasileiras integrantes do Projeto Norma Urbana Culta (NURC): Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Para as vogais tônicas, foram analisadas aproximadamente 1.600 ocorrências.

das teorias existentes, pois se trata de um condicionamento acústico.

Nem todos os contextos condicionadores precisam ser de natureza acústica. No caso da elevação causada pela lateral palatal, o processo é facilmente expresso pela geometria dos traços de Clements e Hume (1995) (*m[e]lhor / m[i]lhor*), como mostra Bisol: espraçamento do nó terminal de abertura dominado pelo nó vocálico da consoante palatal, interpretada como uma consoante com articulação secundária, regra, assim, idêntica à da tradicional harmonização vocálica (Figura 6).

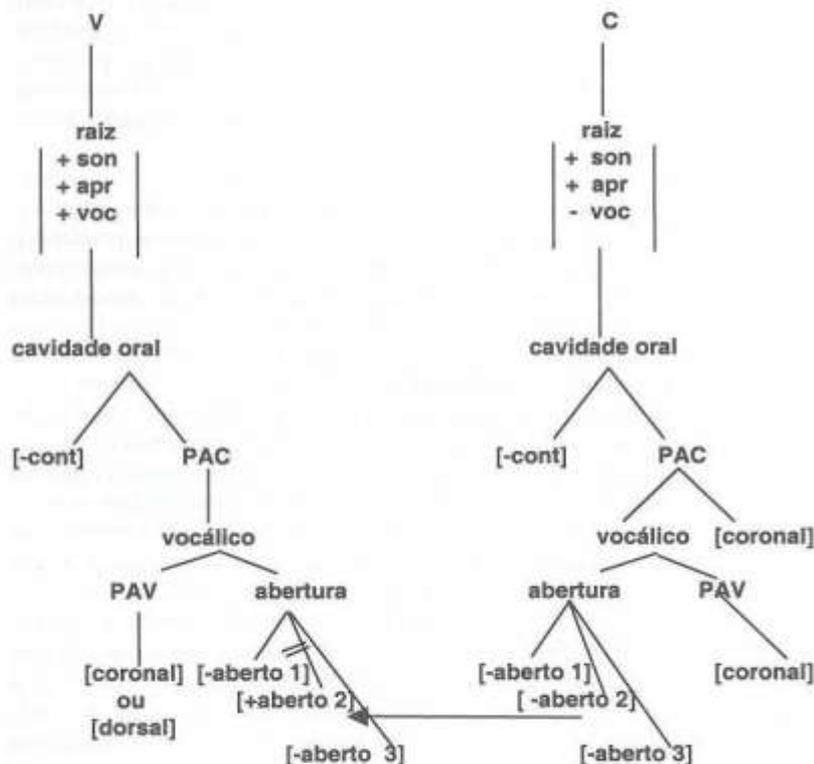


Figura 6. Assimilação desencadeada pela lateral palatal [ʎ].

Está também implícito, na argumentação de Bisol, que a posteriorização de /o/ para se ajustar ao F2 das labiais faz com que o ouvinte interprete, independente de seu grau de abertura, o fone resultante como [u]. Desse modo, concomitante aos graus de abertura – esses, sim, tradicionalmente fonológicos – as vogais posteriores teriam graus de posterioridade, que permitiriam seu reconhecimento sem que haja sua elevação. Porém, é preciso observar que o ambiente de uma consoante velar também favorece a elevação do /o/, p. ex. *colégio / cullégio*. Acusticamente, as velares produzem na vogal contígua um efeito inverso ao das labiais, abaixando seu valor de F2, isto é, tornando-a mais anteriorizada, contrariando, assim, a generalização que se poderia fazer do papel da consoante sobre o F2 das vogais posteriores. A explicação acústica é, pois, bem mais complexa do que, à primeira vista, se poderia supor. Nesta mesma linha de raciocínio, é possível sugerir que graus de arredondamento também constituíssem “pistas” para a identificação auditiva das vogais velares, passando F3, correlato acústico do arredondamento, a desempenhar um papel na identificação das vogais posteriores. Cumpre, assim, que se realizem estudos acústicos e perceptivos para determinar que fatores, concomitante ou independentemente dos graus de abertura, são necessários ou suficientes para a identificação pelo ouvinte das vogais posteriores.

A fonética acústica permite também levantar a hipótese de que a baixa produtividade da regra de harmonia vocálica poderia ser explicada pela tendência à centralização, no português do Brasil, e, à elevação, no português europeu. Essas tendências opostas podem ser observadas se compararmos os sistemas de vogais acentuadas do português brasileiro e europeu e em relação à projeção acústica das vogais cardeais (Figura 7).

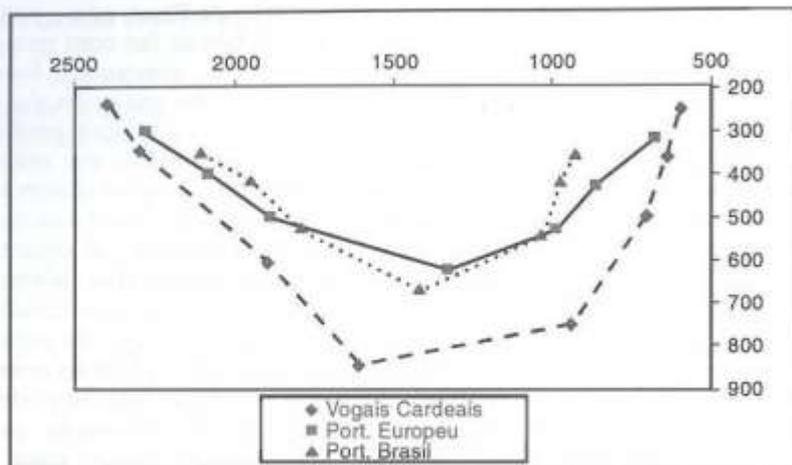


Figura 7. Sistemas vocálicos tônicos do português do Brasil (linha pontilhada), do português europeu (linha contínua) e das Vogais Cardeais (linha tracejada e pontilhada).

5 O abaixamento das vogais

A ocorrência de vogais médias pretônicas baixas só estava prevista em palavras derivadas, em cuja base houvesse uma vogal baixa acentuada, do tipo *p[e]zinho*, *p[o]zinho*. Embora isso efetivamente se dê, constituindo inclusive o fator mais inibidor para o alteamento das vogais, nos dados do Rio de Janeiro, contrariando as expectativas, registraram-se 137 casos de abaixamento e desses apenas 40 enquadrados nos casos de derivação. O *input* geral é muito baixo ,049, e poderia sugerir que o abaixamento é um processo em sua fase inicial que generaliza a harmonização vocálica: vogais médias podem se realizar como altas no ambiente de vogais altas e como baixas no ambiente de vogais baixas. No entanto, o padrão curvilíneo obtido através da distribuição dos resultados por faixas etárias não aponta para uma mudança em progresso e sim para uma variação estável.

Embora não se tenha feito ainda uma análise específica, exemplos como *entr[ɔ]samento*, *r[ɛ]lações*, *r[ɛ]lógio*, *p[ɛ]netra*, *v[ɛ]rsão*, *H[ɛ]lêna* podem ser explicados ou pela presença de uma vogal baixa contígua ou pela presença de uma líquida adjacente, fato historicamente atestado, embora não justificado. Uma linha a seguir seria investigar se o abaixamento não estaria obedecendo

também a outros princípios, porventura acústicos, competindo e, eventualmente bloqueando o processo de elevação.

6 Considerações finais

Demonstrou-se, neste artigo, que

- (i) apesar de existirem estudos referentes a vários dialetos do português do Brasil, a questão da assimetria entre / i / e / u /, como propulsores do processo de elevação da pretônica, ainda permanece obscura. Estudos acústicos e perceptivos poderiam trazer maiores esclarecimentos quanto à natureza fonética dos traços que caracterizam o sistema vocálico do português do Brasil;
- (ii) no Rio de Janeiro, a chamada harmonização vocálica não é um caso de perda de regra, como a análise em tempo aparente levaria a supor, mas uma regra variável, estável, indicadora da fala de pessoas idosas;
- (iii) estão em jogo dois processos de natureza distinta: um, o da harmonização vocálica no seu sentido tradicional, resultado de uma regra de natureza fonológica, assimilação de uma vogal média pretônica ao grau de abertura da vogal subsequente e, outro, que seria melhor caracterizado, de acordo com Lass (1984, p. 175-177), como um processo de assimilação acústica. Esses dois processos constituem, assim, regras variáveis independentes e em competição (p. ex., *m[i]lhor / m[e]lhor / m[ɛ]lhor*), de baixa produtividade, que convergem para a modificação das vogais pretônicas e conduzem a uma diferenciação entre o português do Brasil e o de Portugal.

Referências bibliográficas

- BISOL, L. *Harmonização vocálica*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.
- . *Vowel harmony: a variable rule in Brazilian portuguese*. *Language variation and change* 1, p. 185-198. Cambridge University Press, 1989.
- CALLOU, D. et al. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no Rio de Janeiro. *Organon*, Porto Alegre, v. 5, n. 18, p. 71-78, 1991.
- . Um problema na fonologia do português; as vogais pretônicas na fala culta carioca. *Miscelânea em homenagem a Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 59-70.
- . O sistema pretônico do português do Brasil: regra de harmonia vocálica. *Atas do XXI Congresso Internazionale de Linguística e Filologia Romanza*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1998. Sezione 5, p. 95-100.

- CÂMARA Jr., J. Mattoso. *Fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- CASTRO, E. *As pretônicas na variedade mineira de Juiz de Fora*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1990.
- CLEMENTS, G.; HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (ed.). *The handbook of phonological theory*: Cambridge, Massachusetts, Blackwell, 1995, p. 245-306.
- CARVALHO, H. Notas sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas *a* e *o* em sílaba átona. In: *Estudos lingüísticos II*. Coimbra: Atlântida, 1969, p. 76-103.
- DELGADO MARTINS, M. R. Análise acústica das vogais orais tônicas em português. *Boletim de Filologia*, v. 22, n. 3-4, p. 303-314, 1973.
- LASS, R. *Phonology. an introduction to basic concepts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- LABOV, M. *Principles of linguistic change*. Cambridge: Blackwell, 1994.
- MORAES, J. et al. O sistema vocálico do português do Brasil: caracterização acústica. In: KATO, M. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP, 1996, v. 5, p. 33-54.
- NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- RÉVAH, J. S. L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVI siècle à nos jours. *Anais do Primeiro Congresso de Língua Carioca*: Rio de Janeiro. Biblioteca Nacional/UFRJ, 1958, p. 387-399.
- SILVA, M. *As pretônicas no falar baiano*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989.
- SILVA, E. V. *Variação dialetal: as pretônicas no dialeto fluminense*. IX Encontro Nacional da ANPOLL. Goiânia, 1994.
- VAN DER HULST, H.; VAN DE WEIJER, J. Vowel harmony. In: GOLDSMITH, J. (ed.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge, Blackwell, 1995, p. 495-534.
- VIEGAS, M. do C. *Alçamento das vogais pretônicas: uma abordagem sociolingüística*. UFMG, Dissertação de Mestrado, 1987.